

ANTONIO RUIZ DE MONTOYA: “O CAVALEIRO DE CRISTO” ENTRE A PARACUÁRIA E A CORTE DE MADRID

Gabriele Rodrigues de Moura¹

No presente artigo voltar-se-á nossa atenção para o estudo sobre um jesuíta que lutou em defesa dos indígenas da região da Província Jesuítica do Paraguai. O Pe. Antonio Ruiz de Montoya, pelo seu trabalho missional e de defesa dos indígenas perante os ataques bandeirantes, ocorridos entre os anos de 1628 até 1631, foi o responsável pelo êxodo rumo a Província do Tape e Uruguai. Lá permaneceu por cerca de seis anos, até que ocorreram os ataques, agora as missões do Tape, em 1637. Pela situação ter se tornado insustentável, Montoya foi convocado para fazer a defesa destas missões e do armamento dos indígenas missionários frente a Coroa Espanhola, em Madrid.

De um menino órfão ao xamã-jesuíta: Afinal quem era Antonio Ruiz de Montoya?

Antonio Ruiz de Montoya nasceu, em Lima, no dia 13 de junho de 1585. Filho de Cristóbal Ruiz (espanhol de Sevilha) e, de Ana Vargas (limenha). Aos 7 anos, o pequeno Antonio ficou órfão de mãe, sendo educado pelo pai que pretendia levá-lo para a Espanha, para que lá o menino fosse educado de maneira cristã. Porém, isto não foi possível, devido ao fato de que o jovem Antonio adoeceu, fazendo com que o pai desistisse da viagem e voltasse com ele para Lima. Desta forma, ele inscreveu o filho no Real Colégio San Martin, recém fundado pelos jesuítas na cidade. Perdendo o pai, aos 9 anos, teve que em muitas situações resolver por si próprio os rumos de sua vida, quando foi entregue nas mãos de tutores. Depois da infância, passou a viver de maneira turbulenta durante a juventude, abandonando os estudos e seguindo o caminho de uma vida licenciosa, que serviu para gastar a herança que havia recebido. Em suas aventuras, durante a juventude, por vezes o deparou-se

* Bacharel e licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul (2009). Foi bolsista de Iniciação Científica entre os anos de 2008 e 2009, pelos programas BPA/PUCRS e BIC/CNPq, respectivamente, sob a orientação do Prof. Dr. Arno Alvarez Kern. O presente artigo é parte da monografia intitulada “*Qualquer dia estes padres vão amanhecer sem cabeça!*”: O Guairá como palco de representações no livro *Conquista Espiritual*, defendida no dia 09 de dezembro de 2008.

com situações que o colocaram em perigo de perder a vida, o que teve como consequência sua prisão e a ameaça de ser desterrado².

Assim, pretendendo abandonar sua vida desregrada de um quase vagabundo, dirigiu-se ao Vice Rei do Peru, solicitando permissão para seguir ao Chile, por dois anos, num plano de lutar contra os araucanos, um grupo considerado indomável. Quando estava a ponto de partir, teve um sonho estranho que o fez desistir da idéia, talvez sua formação em uma escola jesuíta e por ter passado pelas vicissitudes da orfandade, ajudem a entender a sua vocação para o catecismo e a sua decisão de ingressar para a Companhia de Jesus.

Outra coisa que vale salientar, é que o espírito aventureiro deste jovem, o fez ver na Companhia de Jesus, uma possibilidade de tornar-se um cavaleiro, porém, com o propósito da salvação de almas gentílicas. Sendo assim, em 21 de novembro de 1606, após ter passado por uma profunda conversão, voltou a Real Escola de San Martin e terminou lá os seus estudos em Letras Humanas. Com os estudos terminados entrou para a Companhia de Jesus e estuda Filosofia e Teologia, não terminando os estudos desta última, pois:

aos sete meses de Noviciado foi escolhido com alguns outros pelo Pe. Diogo de Torres, que os levou consigo a Córdoba de Tucumã, terminou ali o seu Noviciado e em 1608 fez os chamados votos do biênio. [...] Ainda que desse sinais de bom talento, e alguns esperassem que nele teriam um bom professor de Ciências Sagradas, o bom irmão estudante, em sua ânsia de trabalhos apostólicos, propôs, contudo, a seus Superiores que lhe abreviassem os estudos e, fazendo-o ordenar-se sacerdote, logo o metessem no campo das Missões. (Montoya,1997, p.13)

Quando terminou seus estudos, para o noviciado, em Córdoba de Tucumã, recebeu sua ordenação em Santiago del Estero, em 1611, e foi no mesmo ano a Assunção com o padre Diego de Torres. Enquanto esperava para entrar nas missões do Guairá, dedicou-se ao estudo da língua Guarani, que mais tarde ele citou em seu livro *Conquista Espiritual*, como uma língua muito bonita e com a melhor definição para Deus. Será também a língua Guarani o tema central de seus quatro livros, que serão escritos em Madrid, como trataremos mais adiante. Maria Isabel Rebes salienta que

² Para mais informações: Maria Isabel Rebes (2001).

seguindo os trabalhos do Fray Luis Bolaños, do Padre Diego González Holguín e do Padre Francisco de San Martín, conseguiu aprofundar-se no estudo da língua, tendo-se previamente preparado com o conhecimento básico da teoria, normas, esquemas e regras gramaticais. Sua observação aguda deixou-o perceber as diferenças, os distintos matizes das expressões e as múltiplas variações de importância para uma cabal compreensão da língua. Posteriormente, já no trabalho missionário com os índios, adquiriu na prática cotidiana o domínio do idioma guarani. (Rebes, 2001, p.25)

No ano de 1612, Montoya partiu acompanhado de outro jesuíta para a

área conhecida como Guairá (ou Guaíra), os primeiros povoados (“pueblos de índios”) missionários estavam sendo fundados desde 1610 pelos pioneiros padres Cataldino e Masseta, após o fracasso das missões volantes e dos batismos em massa. Montoya iniciava, assim, uma atividade que iria tomar vinte e cinco anos de sua vida. (Kern, 1998, p.08)

Entre os anos de 1615 até 1622, Montoya dedicou-se as missões de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio, junto a seus companheiros, enquanto a criação de missões havia sofrido uma pausa. Neste período, segundo Rebes (2001) Montoya passou a dedicar-se a construção de uma pequena igreja em Loreto. Ao mesmo tempo em que seguiu o exemplo dos primeiros jesuítas, utilizando-se das missões volantes para entrar em contato com os caciques.

O jesuíta entrou em contato com estas aldeias, visando reuni-los para que quando fosse possível, houvesse um recomeço na criação das missões. Assim, foi encontrando com os caciques Taubicí, Tabibí, Atiguayé, Maracanã entre tantos outros, que de uma maneira ou outra foram aceitando serem catequizados e reduzidos. Prosseguindo com o que afirma Rebes,

em 8 de maio de 1614 chegaram o Padre Montoya e os índios, a Asunción; a ação desdobrada por Atiguayé em defesa dos missionários levou-o perante o próprio Governador interino, D. Francisco González de Santa Cruz, a D. Antonio de Añasco e ao Tenente General Andrés Lobato, expondo a todos eles justificados argumentos para a continuação do projeto evangelizador no Guairá. (Rebes, 2001, p.30)

Com a comprovação da inocência de Montoya, os seus superiores o autorizaram a retornar as missões, porém, diante das negativas dos colonos espanhóis para a criação de novas missões, pois

o novo Provincial dos jesuítas do Paraguai, desde 1615 e até 1623, foi o P. Pedro de Oñate, e o Governador, entre 1615 e 1618, foi D. Hernandarias Saavedra. O salientável, talvez deste período, é que não se produziram

então controvérsias no Guairá; não há enfrentamentos com os espanhóis. O governador é quem aplica as antes contestadas determinações de Alfaro e, aparentemente, a oposição da população espanhola contra os Padres se adormece. Montoya se preocupou então, por consolidar a Missão de Nossa Senhora de Loreto. (Rebes,2001, p.30)

Em 1622, se reinicia a expansão reducional e, Montoya destaca-se, como afirma Arthur Rabuske:

bem depressa, transformou-se [...] em organizador principal, animador e criador de novas missões indígenas. Pode atribuir-lhe a fundação de uma dezena de "pueblos", sendo que para tanto recorreu ermos, passou fome, lutou contra grandes feiticeiros e se identificou com os índios, cujo idioma veio a dominar com perfeição. (Rabuske, 1985, p.47)

Durante este tempo, com referência ao que Rebes (2001) elucida, o missionário foi responsável pela fundação das seguintes missões: São Xavier (1622); São José e Encarnação (1625); São Miguel e São Paulo (1626); Santo Antonio, Concepción e São Pedro (1627); Sete Arcanjos, Santo Tomás e Jesus Maria (1628). Em alguns casos, nem sempre foi uma boa alternativa a fundação de missões, pois, vários destes povoados, não chegaram a se estabelecer de maneira definitiva.

Montoya viveu cerca de 25 anos entre os Indígena tornando-se superior destas missões do Guairá, entre os anos de 1622 e 1634, e algum tempo depois (em 1637 e 1638), tornou-se Superior Geral de todas as missões criadas. Por isso,

o padre Antonio Ruiz de Montoya, como missionário da Companhia de Jesus na América do Sul, foi apóstolo dos índios e agente tenaz de uma ação cultural, pastoral e apologética, como foram os primeiros Apóstolos do Cristianismo na América. (Rebes, 2001, p.08)

Ao que se refere em vários momentos, Rebes (2001), salienta que junto com os outros jesuítas, Montoya fez com que o cristianismo implantado entre os indígenas fosse uma espécie de cristianismo autêntico, utilizando-se de elementos comunitários e recíprocos para manter-se entre os indígenas, da mesma maneira que, não houve desrespeito de certos detalhes da cultura Indígena, como o uso da língua Guarani nas missões e não do espanhol.

Os indígenas não eram tratados, pelos primeiros jesuítas, como vagabundos ou alcoólatras, nem como pessoas ignorantes, inferiores ou incapazes. "São

'gentílicos', diferentes, mas não são 'bárbaros'", afirmava Montoya (1985;1997) em sua *Conquista Espiritual*, apresentando os indígenas com simpatia e respeito, tratando a língua destes indígenas, "como uma linguagem digna de louvor" (Gadelha, 1985, p.124). Ao mesmo tempo em que Montoya afirma que a linguagem deles é digna de louvor, no prólogo de seu livro *Conquista Espiritual*, ele relata que por ter passado cerca de quase trinta anos de sua vida em meio aos indígenas, havia perdido a maneira educada de se falar espanhol, ou seja, ao mesmo tempo em que nas missões passou-se a ser usado um "guarani-espanholado" pelos jesuítas e indígenas, alguns jesuítas (como no caso de Montoya) acabaram ficando com uma espécie de "espanhol-guaranizado".

A ida para estas missões no Guairá não mudou somente a vida dos indígenas, mas significou uma mudança para ambos os lados, pois jesuítas e indígenas tiveram que entrar num comum acordo para que este espaço de convivência se tornasse possível. Quando as questões com os espanhóis pareciam resolvidas, as ameaças de ataques bandeirantes começam a surgir nas missões.

“Avante, Guerreiros!”: O fracasso das primeiras missões frente às invasões bandeirantes a Província do Guairá e a transmigração Indígena

Durante muito tempo os problemas para a criação das missões seriam as negativas dos colonos espanhóis, em relação à expansão destas, visando obter através de poucas missões uma considerável mão-de-obra para a extração da erva mate, tão importante para a economia paraguaia, no século XVII. Porém, quando estas questões começam a se “acalmar” surgem os problemas como os bandeirantes, chefiados por Antonio Raposo Tavares, Fernão Dias Paes e Manuel Preto.

A questão de fronteiras neste período tornou-se bastante complexa, visto que, o cenário que se travaram os embates entre jesuítas e bandeirantes, estavam localizados em um território pertencentes às Coroas Ibéricas unificadas de Felipe IV, tornando as missões jesuíticas no Guairá ante mural da fronteira imperial frente aos interesses coloniais. Sendo assim, as invasões não foram apenas uma caçada humana para os engenhos de cana-de-açúcar, mas, um avanço fronteiro para o

domínio espanhol pelo Tratado de Tordesilhas. Para Rebes “a ação dos paulistas e os espanhóis, fazem parte do interagir próximo aos jesuítas e os índios na disputa de território e da mão-de-obra para o trabalho nas colheitas” (2001, p.60).

Para os bandeirantes este tipo de comércio escravagista, era bastante rentável, posto que, com a invasão holandesa (na região Nordeste do Brasil), o comércio do tráfico negreiro estava sendo controlados pelos holandeses, desta maneira, os indígenas seriam usados como mão-de-obra nos engenhos baianos e fluminenses. Porém, como salienta Erneldo Schallenger (1997), os indígenas eram vendidos em São Paulo como negros fugidos.

Em 1610, com a entrada dos jesuítas e o início das missões na região do Guairá, começam a surgir os problemas, pois segundo o historiador Moacyr Flores (1997), estas missões começaram a ocupar lugares importantes das bacias dos rios Paranapanema, Tigabi, Ivaí, Piquiri, Corumbataí e Iguaçu. Ao contrário dos habitantes das vilas (Villa Rica Del Espiritu Santo e Ciudad Real), os paulistas foram reclamar diretamente aos jesuítas, mas não obtiveram êxito em suas reclamações. Em decorrência desta intransigência por parte dos jesuítas, durante os anos 20, iniciou um período crítico para as missões, com as ameaças de invasões e ataques, pois significava para as frentes de colonização luso-espanhola um empecilho a política expansionista e escravagista.

Os indígenas reduzidos interessavam aos bandeirantes, pois eram vistos como uma possibilidade de obter mão-de-obra especializada, pelo fato de serem conhecedores de técnicas agrícolas e, estavam aprendendo com os jesuítas algumas profissões, como a carpintaria entre outras. Schallenger afirma que

se por um lado o apoio dos *encomenderos* aos bandeirantes e a convivência do governador do Paraguai significou diminuir a influência dos missionários e a resistência dos índios, por outro, acelerou a própria destruição do sistema de encomendas no Guairá, pois perderam os *encomenderos* a única base de sustentação, que foi a mão-de-obra indígena (Schallenger, 1997, p.213)

Desta maneira, podemos ver as investidas bandeirantes como uma forma de abandono dos indígenas pelas autoridades espanholas, que “tinham a esperança de

que destruídas as missões, eles pudessem novamente escravizar os índios” (Lazzarotto,1977, p.47). Prossegue Schallenberger salientando que a

tentativa de estabelecer um equilíbrio não encontrou, no entanto, condições reais, uma vez que as autoridades coloniais pouco fizeram para alterar a situação. Pelo contrário, em muitas circunstâncias, e, principalmente, a partir da gestão do governador Luís de Céspedes Xéria, as autoridades coloniais passaram a compactuar com os interesses dos grupos articuladores da exploração do índio (Schallenberger, 1997, p. 207).

D. Luís Céspedes Xéria, novo governador do Paraguai, veio da Espanha em 1626, passando pelo Rio de Janeiro, onde se casou com uma sobrinha do governador do Brasil³. Segundo Moacyr Flores (1997), em maio de 1628, quando Raposo Tavares estava organizando a sua expedição que viria a acometer a região do Guaíra, o governador do Paraguai dirigiu-se para São Paulo de Piratininga visando entrar em sociedade com o bandeirante, para conseguir mão-de-obra indígena para os seus engenhos. No mesmo ano, em que toma posse do seu governo paraguaio na Ciudad Real, proibiu os indígenas de se armarem.

Céspedes Xéria era um aliado incontestado dos interesses econômicos locais, indo de encontro aos objetivos dos colonos, que visavam obter novamente a mão-de-obra indígena e viam nos jesuítas inimigos incontestados por causa disso⁴. Com seus interesses aliados aos dos bandeirantes, o governador permitiu que as missões fossem invadidas e, que a experiência reducional guairenha fosse destruída por completo. Mesmo, com o rei da Espanha, Felipe IV, tendo se dirigido ao governador do Paraguai, para que houvesse intervenção nas invasões nada foi feito devido ao fato de Céspedes Xeria ser cúmplice de Raposo Tavares no plano de invadir as missões para capturarem índios e fazê-los de escravos nos engenhos.

O governador foi acusado, pelo provincial da Companhia de Jesus, Francisco Dias Taño, de ter se casado com uma portuguesa, ter se aliado à bandeira de Raposo Tavares, ajudar na entrada de lusos na região do Guaíra, e, capturar indígenas para os seus engenhos no Rio de Janeiro. Além disso, também nas

³ A esposa do governador D. Luís Céspedes Xeria se chamava Vitória de Sá. Com este casamento, ele recebeu como dote vários engenhos da família Correia de Sá, fazendo que ele acabasse se aliando com Antonio Raposo Tavares na captura de índios na região do Guaíra, para obter mão-de-obra escrava nos seus engenhos. Ver mais em: FLORES (2003).

⁴ Ver mais em: SCHALLENBERGER (1997).

acusações contra Céspedes Xéria, consta o fato de ele ter doado *encomiendas* paraguaias aos parentes de sua esposa, e a saída de navios carregados com prata do porto de Buenos Aires.

Mesmo com as tentativas de impedimento destes ataques pelos jesuítas, a situação tornou-se insustentável, a ponto destes perceberem-se abandonados junto aos indígenas contra a ambição dos paulistas. As invasões bandeirantes trouxeram terror e destruição para as missões jesuíticas do território guarenho. Em 1628, ocorreu a invasão das missões. Em consequência, muitos indígenas se revoltaram contra os missionários ao serem instigados pelos pajés (inimigos dos jesuítas), possibilitando que os bandeirantes conseguissem capturar 18 mil índios. Quando começaram os planos de abandono das missões, poucos indígenas fugiram junto com os padres, quando houve a invasão dos bandeirantes nas missões do Guairá.

Assim que ocorreu a invasão bandeirante, os jesuítas tiveram de enfrentá-los sozinhos, para que conseguir defender os indígenas da ambição paulista e paraguaia. Rabuske afirma sobre Montoya, que

quando surgiram com maior intensidade, pelo ano de 1628, as bandeiras paulistas, cobiçosas de escravos já "domesticados", coube-lhe o papel doloroso, difícil e discutido, da salvação organizada de sua gente pela fuga, embora, ao menos na aparência, teria sido inútil, temerário e fatal, resistir com flechas e armas de fogo. Assumindo, perante indígenas e colonos espanhóis, o fracasso ou o sucesso na fuga dos indígenas do Guairá. (Rabuske,1985, p.48)

Comparando com o que Regina Gadelha elucida, no momento em que Raposo Tavares fez a segunda investida "às terras do Guairá, os jesuítas, estavam preparados para a retirada, assumindo progressivamente a organização material da empresa, propondo aos índios tomarem o rumo das terras do Paraná, onde possuíam algumas Missões". (Gadelha,1985, p.127)

As destruições citadas ocorreram da seguinte maneira: em 20 de março de 1628 foi destruída a missão de Jesus Maria; em 23, São Miguel; posteriormente, Encarnação e São Paulo, Arcanjos e Santo Tomás Apóstolo. Depois dos ataques, em 1629, começaram a reorganizar os indígenas das missões que haviam sido destruídas. Diante desta devastação e sob o comando do padre Antonio Ruiz de

Montoya, realizaram, em 1631, o êxodo guairenho, uma das mais dramáticas e extraordinárias fugas, para levar os mais de 12 mil sobreviventes das missões, contando com 700 balsas ou canoas, para as duas missões sobreviventes, a saber: Loreto e Santo Inácio.

Nestas canoas, navegaram os rios Paranapanema e Paraná, porém, não conseguiram transpor as Setes Quedas do rio Paraná, fazendo o resto do trajeto a pé. Para despistar os bandeirantes que se aproximavam, as canoas foram jogadas rio baixo. Segundo Rebes a “região localizada entre o Paraná e o Uruguai [era vista] como lugar mais seguro antes das invasões paulistas”⁵. (2001, p.61) Chegaram, no final da viagem, apenas 4 mil índios, as missões sobreviventes. Neste trajeto a pé, seguiram para as missões de Santa Maria a Maior e Natividad, às margens do Iguaçu, próximo à atual cidade de Foz do Iguaçu, aumentando a miséria que já existia por ali⁶. Através do relato de Montoya, temos uma visão geral da crise em que tanto jesuítas quanto indígenas se depararam depois da transmigração. O jesuíta salienta que

nas duas missões de Loreto e Santo Inácio matavam-se, no início, cada dia de 12 a 14 vacas. Dava-se disso a cada um uma porção tão pequena, que não bastava para mais que entreter a vida e dilatar a morte. Comiam os índios a couros velhos, laços, crinas de cavalos e, de uma cerca nossa, feita de paus em volta de nossa casa, tiraram de noite as correias, que eram do couro da vaca. Sapos, cobras e toda espécie de sevandijas, vistas por seus olhos, não conseguiam escapar de suas bocas (Montoya,1985, p.143)

Nesta situação os jesuítas assumiram um papel mais importante perante os indígenas, pois no momento em que foram feitos inúmeros sacrifícios. Deste modo, o poder de liderança passou às mãos dos padres pela sua autoridade e firmeza diante do que estava ocorrendo (fome, epidemias etc). Não havia maneiras de levarem mantimentos e alimentos suficientes para manter a população durante dias, muito menos, no decorrer dos meses de imigração. Os caciques foram importantes durante esse período, mas, somente os padres conseguiram demonstrar calma perante os meses de sofrimento pelos quais eles tiveram que passar.

⁵ *Grifos nossos*. A região citada entre o Paraná e o Uruguai refere-se ao Tape, para onde os indígenas sobreviventes se encaminharam após o êxodo.

⁶ Para maiores informações ver: KERN(1982); SCHALLENBERGER(1997); REBES(2001).

Estes acontecimentos, entre os anos de 1629 e 1632, fizeram com que espanhóis e jesuítas se afastassem da região, passando a ser de domínio português. Segundo Jurandir Aguilar, a partir do

ano de 1632, depois de haverem estabelecido 13 missões de indígenas, e apresentando-se, ainda, grandes expectativas de expansão missionária, não existia mais nenhum *pueblo*; tudo estava destruído e abandonado, contribuindo em tal “horrendo y calamitoso espectáculo”, forças contrárias à liberdade dos índios, organizadas segundo os interesses dos portugueses e espanhóis, sem esquecer a aversão alimentada junto aos próprios índios hostis e desinformados quanto ao objetivo da presença missionária dos jesuítas na região. (Aguilar, 2002, p.12)

As invasões tiveram um resultado duplo, pois acabou servindo não apenas para destruir as missões, como também, na expulsão dos espanhóis para além do rio Paraná, visto que as cidades espanholas também haviam sido vítimas dos ataques. Com a fuga dos jesuítas e dos índios, devido ao avanço bandeirante, houve um abandono da região ocidental do estado do Paraná.

Como resultado do exposto a fuga levou jesuítas e indígenas para a região do Tape, de onde Montoya encaminhou-se, em 1638, para a Corte Espanhola visando a defesa do armamento dos indígenas, para que não houvesse mais possibilidades de invasões por parte dos bandeirantes, sem que os indígenas pudessem defender as suas missões.

O “xamã-jesuíta” diante do Rei⁷

O padre Montoya, após os ataques bandeirantes assumiu ainda mais a defesa dos seus catecúmenos⁸, com isso aceitou ser enviado por seus superiores à Corte de Madrid, para advogar em defesa destes indígenas e pedir para que fossem armados. Montoya, no período das últimas invasões era superior das Missões (1637 e 1638). Na corte permaneceu durante 5 anos, onde em seus memoriais informam detalhadamente as autoridades reais sobre os acontecimentos que se sucederam nos anos anteriores na Província Jesuítica do Paraguai.

⁷ Segundo Meliá, em sua palestra dada na XI Jornadas de Missões Jesuíticas, sediada na PUCRS, em 2006, cabe salientar que o padre Montoya era visto pelos Indígenas como a encarnação de um herói ou xamã, por isso, este subcapítulo recebeu este título.

⁸ O termo catecúmenos tem como significado a palavra “noviço”, ou a qualificação de alguém que está sendo iniciado na vida cristã, através do aprendizado da Palavra de Deus na catequese.

Montoya visava com que atitudes fossem tomadas em relação ao fato, visto que os bandeirantes envolvidos e o governador do Paraguai, já haviam sido excomungados, porém, uma posição real para a resolução seria muito importante para que a situação fosse resolvida. Pois, quando ocorreram as invasões nada foi feito pelas autoridades espanholas, o Vice Rei do Brasil, Don Diego Luis de Oliveira, não tomou nenhuma medida que pudesse solucionar tal questão, por isso, os jesuítas tomaram a decisão de “recorrer ao Rei de Espanha, Felipe IV, com domínio sobre Portugal e as colônias do Brasil”. (Rebes, 2001, p.36)

Ao tratar com o Primeiro Ministro, o Conde de Olivares, e uma junta de portugueses e espanhóis, em 1638, Montoya conseguiu que as determinações⁹ fossem convertidas em lei. Segundo Rebes “por Cédula Real, se ordena armar os índios para sua defesa” (2001, p.36), sendo este o primeiro triunfo para os jesuítas em relação às medidas que evitavam que os fatos denunciados voltassem a acontecer. Porém, antes do recebimento da licença para o armamento dos indígenas, que só seria possível depois de 1639, os jesuítas por acreditarem que seria direito de seus catecúmenos se defenderem, conseguiram uma medida provisória com o governador de Buenos Aires para a obtenção de arcabuzes e munição. Diante deste fato, podemos notar a necessidade e a urgência no armamento indígena, pois, os jesuítas já percebiam, desde 1627, que os bandeirantes se valiam do fato de que não teriam resistência ao invadir as missões.

Enquanto esperava resposta do rei, Montoya deparou-se com a oportunidade de “imprimir ‘Conquista Espiritual’, onde relata os principais acontecimentos do trabalho missionário nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape; o ‘Tesouro da língua guarani’, a ‘Arte e vocabulário da língua guarani’, assim como um ‘Catecismo da língua guarani’”(REBES,2001:36). Estes quatro livros seriam fruto de seu trabalho entre os indígenas. Montoya permaneceu na corte até 1640, quando Felipe IV firmou a Cédula Real que transferia a responsabilidade do armamento indígena para o Vice Rei do Peru, se isto parecesse conveniente a ele.

⁹ Dentre estas determinações estava o armamento dos indígenas, para que estes pudessem defender as missões e, conseqüentemente, as fronteiras do império espanhol na América.

Dentro deste período passado na Corte Espanhola, 1638 até 1643, Montoya dedicou-se a escrita e impressão de quatro livros dedicados aos acontecimentos ligados ao seu trabalho missional com os indígenas, sendo três destes livros (Tesouro da língua guarani, 1639; Arte e vocabulário, 1640; e, Catecismo, 1640) dedicados a língua Guarani.

Algumas considerações finais

Cada vez que um documento referente às primeiras missões é revisitado, novas possibilidades de interpretação se abrem, e todo o processo volta a sofrer uma reconstrução sob um novo ponto de vista, vindo daquele que está reescrevendo a história. O Guairá pode ser arqueológico, histórico, literário ou antropológico, que continuará fazendo parte da história da América Latina e da história do Brasil propriamente dita, pois hoje ele faz parte do Estado do Paraná.

Os homens que fizeram parte desse determinado período histórico, o século XVII no sul da América Espanhola, tornaram-se personagens em uma narrativa que os separou como “bons” ou “maus” devido as suas decisões e atitudes. Os jesuítas e seus indígenas catequizados estavam unidos do “lado do bem”, enquanto bandeirantes e indígenas infiéis estavam do “lado do mal”, porém tal separação traz um problema. Quando há as invasões bandeirantes, responsáveis pelo êxodo guaireño, morrem indígenas independente de que lado estes estivessem. Na luta maniqueísta católica, ou por territórios, os indígenas ficaram no meio dos conflitos.

Sendo bons ou ruins, os indígenas não poderiam ser abandonados, pois os jesuítas não poderiam negar ajuda ao próximo. Antes de rechaçar um pajé para longe de seu grupo, este era convidado pelo cacique para ir à redução, como uma forma de o jesuíta tentar convertê-lo ao cristianismo. O que demonstra que havia certa consideração, por parte dos jesuítas, com estas figuras tão importantes para os indígenas. O que impedia que houvesse, em muitos momentos, a possibilidade destes dois poderosos líderes religiosos era a luta por um lugar privilegiado diante dos indígenas. E, também, porque o trabalho de Deus deveria ser rigoroso,

impedindo práticas como guerras, poligamia, antropofagia, etc, visando tornar os indígenas cristãos dessa maneira.

Vale salientar que a união indígena-jesuíta teria poucas possibilidades de acontecer, se os fatos fossem diferentes quando estes se encontraram. Num cenário, onde havia o iminente perigo de ser escravizado ou morto, o indígena optou pela conversão ao cristianismo; o jesuíta acabou optando pela defesa de seu indígena. Esta convivência valeu-se de concessões de ambos os lados, que acabou por iniciar um processo de transculturação, onde nenhum dos lados perdeu sua identidade. O indígena passou a ter a sua língua “espanholada” dentro das missões, ao passo que, os jesuítas tiveram o seu espanhol “guaranizado”.

Segundo Antonio Ruiz de Montoya, muitos indígenas tornaram-se cristão de boa vontade, porém, não havendo permanências nem constâncias nesse processo de cristianização, dada a rebeldia indígena em alguns momentos, não poderemos provar que eles tornaram-se cristãos convictos, abandonando seus cultos para viver uma vida cristã plena, tampouco podemos afirmar o contrário, que longe dos olhos dos padres, eles mantinham os seus antigos rituais xamânicos.

O que poderemos comprovar é que historicamente populações surgem, entram em contato com outras sociedades, entram em crise (ou guerras) ou aceitam mudanças que lhe são propostas, e isto nos oportuniza entender, os impactos que esta sociedade sofreu e os resultados que surgiram com estas trocas culturais inter-étnicas, que ocorriam inevitavelmente durante o processo de colonização. Compreendendo assim, de uma perspectiva muito mais ampla, toda a complexidade que envolveu as relações entre as populações nativas e seus colonizadores.

Antonio Ruiz de Montoya foi ao lado de Pedro Romero, Roque Gonzáles de Santa Cruz, José Cataldino, Simão Maceta, um dentre tantos jesuítas ilustres na formação das primeiras missões. Como todos eles, Montoya não era nenhum gênio, apenas um homem, que tinha uma visão mais global dos fatos por ser um *criollo* limenho, ao contrario de muitos outros religiosos que vinham para a América Meridional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista espiritual:** a história da evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S. I. (1585-1652). Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002.

BARCELOS, Artur Henrique Franco. **Espaço & arqueologia nas Missões Jesuíticas:** O caso de São João Batista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. **História Cultural:** Entre práticas e representações. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand, 1990.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ediplat, 2003.

_____. **Reduções jesuíticas dos guaranis.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

FURLONG, Guillermo. **Misiones y sus pueblos de guaranies.** Buenos Aires/Argentina: Impre. Balmes, 1962.

GADELHA, Regina Maria d' Aquino Fonseca. Montoya e as relações de produção nas Missões. **Simpósio Nacional de Estudos Missionários** (VI: 1985: Santa Rosa). Santa Rosa/RS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1985.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes Indígenas.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

_____. Do pré-urbano ao urbano: a cidade missioneira colonial e seu território. **XXIV Simpósio Nacional de História.** São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2007.

_____. Jesuítas, Guaranis e Sexualidade: Tradição e transformações nas missões coloniais. Lisboa/Portugal: **Colóquio Internacional "Sexualidade, família e religião na colonização do Brasil"**. Fundação C.Gulbenkian, 1998.

_____. **Missões:** uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. O processo histórico platino no século XVII: Da aldeia guarani ao povoado missioneiro. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.XI, n.1, 1985.

_____. **Utopias e missões jesuíticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

KERN, Arno Alvarez (org.) **Arqueologia Histórica Missioneira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

KERN, Arno Alvarez; JACKSON, Robert. **Missões ibéricas e coloniais: da Califórnia ao Prata**. Porto Alegre: Palier, 2006.

LAZZAROTTO, Danilo. Encomiendas e Povos das Missões. **Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros** (II: 1977: Santa Rosa). Santa Rosa/RS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1977.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Acerca da guerra e da paz nas crônicas jesuíticas das reduções: o caso da Conquista Espiritual de Montoya. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.XXXIII, n.1, 2007.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1985.

_____. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1997.

RABUSKE, Arthur. A carta-magna das reduções do Paraguai. **Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros** (II: 1977: Santa Rosa). Santa Rosa/RS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1977.

_____. Antônio Ruiz de Montoya: vida e obra em geral. **Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros** (VI: 1985: Santa Rosa). Santa Rosa/RS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1985.

REBES, Maria Isabel Artigas de. **Antônio Ruiz de Montoya**: Testemunha de seu tempo. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2001.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **A integração do Prata no sistema colonial**: colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá. Toledo: Editora Toledo, 1997.

_____. **As missões jesuíticas do Guairá**: A defesa do índio no processo da colonização do Prata. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1986.

_____. Indicações para a historiografia missioneira: Uma análise de conteúdo e de abordagem a partir dos Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros. **Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros** (VI: 1985: Santa Rosa). Santa Rosa/RS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1985